

Gênero(s) e sexualidade(s) no ensino de biologia: Reflexões a partir de diálogos entre discursos decoloniais africanos e das trans-identidades latinas.

Gender(s) and sexuality(s) in biology education: Reflections from dialogues between African decolonial and Trans Identities discourses

Yonier Alexander Orozco Marin

Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade
Federal de Santa Catarina. E-mail: apmusicomano@gmail.com

Suzani Cassiani

Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade
Federal de Santa Catarina. E-mail: suzanicassiani@gmail.com

Resumo

O objetivo deste trabalho, de natureza teórica, é refletir sobre as possíveis contribuições dos discursos produzidos em dois lugares-corpos historicamente marginalizados e silenciados, a mulher africana e as travestis de América do Sul, para repensar o ensino de ciências, especificamente a biologia. Três aspectos são problematizados na análise: a) A retroalimentação entre o “biológico” e o “social”; b) A tradição ocidental por ver os corpos, para categorizar e hierarquizar, e c) A “arte de ser” como possibilidade para questionar os moldes instalados pela biologia como saber colonial. Finalmente, construímos reflexões específicas para o ensino de biologia sobre a necessidade de construir práticas de ensino fundamentadas em diálogos Sul-Sul. Enfim, Sulear o ensino de biologia.

Palavras chave: Decolonialidade, educação sexual, estudos de gênero, educação intercultural.

Abstract

The purpose of this theoretical work is to reflect about the possible contributions of the discourses produced in two historically marginalized and silenced places, African women and transvestites from South America, to rethink the teaching of sciences, specifically biology. Three aspects are problematized in the analysis: a) The feedback between the "biological" and the "social"; b) The Western tradition of seeing bodies to categorize and hierarchize, and c) The "art of being" as a possibility to question the molds established by biology as colonial knowledge. Finally, we have constructed specific reflections for the teaching of biology on the need to build teaching practices based on South-South dialogues. *Sulear* the teaching of biology.

Key words: Decoloniality, sex education, gender studies, intercultural education.

Introdução

Um grande problema, ainda presente no ensino de ciências, e na educação como um todo, consiste em que nos contextos de poder, acadêmicos e de formulação do currículo, poucas vezes é permitida a participação ou são consideradxs as sujeitxs¹ de identidades marcadas como diferentes ou marginalizadas pelas relações coloniais de gênero e sexualidade (também raça, etnia, origem geográfica, classe social e deficiência). Nesse sentido, este trabalho parte do pressuposto de que para constituir um ensino de ciências realmente comprometido e engajado politicamente com as reivindicações sociais desses grupos, devemos pensar outros conteúdos, epistemologias e práticas. Outros discursos pensados, escritos e vividos pelxs e com as sujeitxs que histórica e atualmente são excluídxs pelo poder colonial e que questionam essas relações de poder através da articulação coletiva, a luta social e outras escritas “acadêmicas”.

O objetivo deste trabalho de natureza teórica é refletir sobre as possíveis contribuições dos discursos decoloniais africanos e os discursos das trans-identidades do Sul global, para (re)pensar o ensino de ciências. Nesse sentido, abordo saberes e conhecimentos produzidos em dois lugares-corpos historicamente marginalizados e silenciados, a mulher africana e as travas trans sudakas². De maneira mais específica, no trabalho se analisam as possíveis contribuições da nigeriana Oyèronké Oyèwùmí, com seu texto publicado originalmente em 1997, e traduzido ao espanhol em 2017, com o título “*La invención de las mujeres: Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género*”. E da ativista trans argentina, Marlene Wayar, por meio dos seus textos publicados na revista “*El Teje*”, considerado o primeiro periódico travesti latino-americano.

Ocidente e a tradição biológica de OLHAR para os corpos: Onde ficam o escutar, o sentir e o emocionar?

O texto de Oyèwùmí é uma denúncia crítica sobre os olhares universais do ocidente em relação ao gênero e à sexualidade. Foi no ocidente a construção da narrativa e da norma do binarismo e a heteronormatividade obrigatória, sendo deslocada e instalada em diversos contextos pelas estratégias coloniais. Diversos mecanismos foram articulados para essa instalação. Um desses mecanismos foi a construção de um discurso dotado de cientificidade sobre o corpo. Foi necessário construir o “biológico” como sinônimo e mistura do “natural” e “científico”, a verdade da ciência objetiva sobre os corpos. O “biológico” como produto do trabalho da ciência como espelho da realidade material orgânica dos corpos.

Para Oyèwùmí não é possível separar o “biológico” do “social”, pois na verdade o social serve de substrato para pensar e construir o “biológico”, e o social é sempre reforçado e legitimado pelo “biológico”:

“La obsesión occidental con la biología continúa impulsando la elaboración de “nuevas biología” aun cuando los viejos supuestos hayan sido superados. De hecho, en la experiencia occidental, la construcción social y el determinismo biológico han sido dos caras de la misma moneda, en tanto

¹ Utilizamos o “x” em pronomes, substantivos e adjetivos que se referem às pessoas, com a intenção de não reforçar uma linguagem binária e excludente.

² Identidade construída e adotada pelxs sujeitxs do universo das trans-identidades (travestis e mulheres trans) em coletivos trans da Argentina.

ambas ideas siguen reforzándose mutuamente. Cuando se construyan categorías sociales como la de género, podrán inventarse nuevas biología de la diferencia. Cuando se hallen convincentes las explicaciones biológicas, las categorías sociales derivarán su legitimidad y poder de la biología. En suma, lo social y lo biológico se retroalimentan.” (OYĚWÙMÍ, 1997, p. 48)³

OyĚwùmí questiona a construção do “biológico” como uma representação pura e objetiva de uma essência dos corpos. Este aspecto funcionou e ainda funciona como uma estratégia colonizadora de ocidente por universalizar e homogeneizar os corpos e as ideias sociais e culturais construídas sobre eles.

Analisando outras construções não ocidentais, especificamente na comunidade Iorùbá na África pré-colonial, a autora questiona como a ideia de gênero e sexo biológico, que tradicionalmente são apresentadas, uma como construção cultural, e a outra como realidade biológica, na verdade são caras da mesma moeda. Retroalimentam uma ideia que instala gênero em todas as culturas. A autora traz fortes evidências de como nas comunidades Iorùbá gênero não era uma categoria existente para diferenciar e hierarquizar os corpos. Principalmente, porque diferente de ocidente, na sua comunidade o sentido privilegiado para compreender o mundo não era a visão, e sim a escuta. Privilegiar a visão para diferenciar e categorizar é uma tradição colonial de ocidente.

“La razón por la que el cuerpo ha sido tan relevante en Occidente es que el mundo se percibe ante todo por la vista. La diferenciación de los cuerpos humanos en términos de sexo, color de piel y tamaño craneal atestiguan los poderes atribuidos al vidente. La contemplación invita a diferenciar.” (OYĚWÙMÍ, 1997, p. 38)

Com a biologia temos ajudado a instalar uma ideia binária não só do sexo biológico, mas também de gênero, Além disso, temos ajudado a universalizar estas ideias, desconhecendo outras construções sobre gênero, ou ignorando que inclusive nem em todas as culturas gênero existe, levando essas ideias a todos os contextos e corpos, avaliando o que os alunos sabem sobre isso. Assim, podemos desconfiar que talvez com o ensino de biologia, introduzimos sentidos binários e heteronormalizados sobre os corpos e as identidades, de maneira colonizadora.

Para ocidente é mais importante observar os corpos, passar os corpos e as identidades pela visão que convida a diferenciar e hierarquizar e localizar o que está por fora da norma às margens. A biologia, particularmente, constrói linguagens para categorizar aquilo que transgrede as normas coloniais. É comum encontrar em livros de biologia termos como síndrome, anomalia, doença, defeito genético, malformação. Ocidente fecha as possibilidades para escutar os corpos, sentir os corpos, aprender de outros corpos, pensar e sentir emoção com os corpos. A visão foi educada para encaixar em moldes e hierarquizar, com outros sentidos ainda podemos permitir ser e diversificar.

OyĚwùmí questiona a necessidade ocidental de pensar o mundo por meio de binarismos que se relacionam na linguagem, mesmo que não sejamos cientes disso. As estratégias coloniais de homogeneização e exclusão sempre se atualizam e, inclusive, podem estar camufladas e reforçadas por ideias que são apresentadas como democráticas e a favor da diversidade.

“La categoría de ciudadanía, que ha sido la piedra angular de muchas de las teorías políticas occidentales, es masculina, muy a pesar de las aplaudidas tradiciones democráticas occidentales. Por consiguiente, dualidades como

³ Optamos por deixar as falas das autoras em espanhol por ser a língua em que foram lidas para construir este trabalho. Também por uma intencionalidade política de estimular uma troca entre países de América do Sul nas nossas línguas, sem ressaltar necessariamente as diferenças, e sim, procurando uma integração.

naturaleza/cultura, público/privado y visible/invisible, son variaciones del tema del orden jerárquico corporal masculino/femenino, localizadas diferencialmente en relación al poder y distanciadas espacialmente una de la otra.” (OYÈWUMÍ, 1997, p.46)

Diferenciar e separar o “biológico” do “social” já é uma estratégia colonial para cegar as possibilidades de perceber o discurso cultural que permeia e dá estrutura ao “biológico”, que consideramos como natural.

Corpos que são teoria, teorias que libertam e criam possibilidades para re-existir.

A tradição colonial nos ensinou a valorizar o conhecimento como produto de gênios, grandes nomes das ciências. O conhecimento sempre como algo escrito e verbalizado, de autoria individual. Trazer aqui a voz de Marlene Wayar não é trazer uma única voz, e sim, construções coletivas produtos de lutas e construções intersubjetivas de identidades. As falas de Marlene e de Oyèronké representam condensações de pensamentos e construções coletivas desde o Sul.

As travas trans sudakas nos ensinam que nem sempre a linguagem escrita e verbalizada é suficiente, pois os corpos também são teorias, também são discursos, existências e resistências que questionam os moldes construídos pela colonialidade. Nesse sentido a necessidade de ocidente por construir moldes e categorizar/hierarquizar os corpos não é combatida unicamente com a produção acadêmica de outros conhecimentos e saberes, e sim com as narrativas dos corpos quando constroem identidades às margens, desafiam padrões, questionam a normalização. Quando existem, resistem e lutam.

Os corpos das travas trans sudakas nos ensinam a “arte de ser”. Um depoimento de Marlene ilustra melhor este aspecto:

“¡Nos declaramos abiertamente partidarias del error, la falla, el caos, la heterogeneidad y la contingencia humana! ¡No nos impongan su perfección, no queremos su noventa y nueve por ciento de acierto, no nos organicen el caos por el cual se sienten cosmos, no vamos a cooperar con su paradigma de homogeneidad que ocasiona enfermedad psíquica, social, política, económica y cultural! ¡Enfréntenlo! Se equivocaron siempre. No hay molde para el ser. ¡LOS VAMOS A INFECTAR DE ARTE DE SER⁴!” (WAYER, 2007, p.2)

A biologia, e em geral qualquer outro conhecimento derivado da tradição ocidental de olhar para o mundo, procura a estabilidade da homogeneidade, do não erro, da perfeição, o 99,9%, uma organização hierarquizada do mundo. Essas intenções têm sido deslocadas também para os corpos. Desde pequenxs somos educadx para identificar moldes, nos encaixar neles, e estar atentos a aquilo que sai do molde, para escondê-lo, fiscalizá-lo, ocultá-lo, apagá-lo. Essa fiscalização permanente afeta diretamente as sujeitxs dissidentes limitando seus lugares na sociedade, mas também traz doença, de todos os tipos, para quem se submete a esse molde. A necessidade de categorizar e hierarquizar de ocidente, e de penalizar aquilo que foge da regra, traz consequências negativas não só para as travestis, também para todxs os sujeitxs que participam dos moldes normalizados.

As travas trans sudakas, nos convidam para sulear⁵ o pensamento, não só para nos contrapor aos sentidos homogeneizantes do conhecimento colonial ocidental (onde a biologia está

⁴ Leia-se como um grito!

⁵ É comum que utilizemos o termo “nortear”. Já está na hora de olhar e sentir para o Sul, para nós mesmxs.

inclusa), mas também, e principalmente, questionar esses conhecimentos, ressignificá-los, abandonar aquilo que está neles e nos limita, tomar aquilo que nos permite ser e nos liberar do molde. As travas trans sudakas não lutam exclusivamente pelos seus direitos de ser e existir, também lutam por uma sociedade da “arte de ser” como possibilidade para todo mundo, possibilidades de pensar novas masculinidades e feminidades, a diversidade como necessidade e não como obstáculo. Sobre este aspecto, Wayar menciona:

“...hay hoy una sociedad apostada en el filo del abismo, pero fantaseando con que los esperpentos fundamentalistas que nos han introyectado desde niñas/os, esos que se alojaron en nuestros miedos a ser para someternos con el enemigo desde dentro, se esfumen cuando unas traviesas prendan la luz. Estamos listas para empujarlos pendiente abajo; no lo agradezcan, es lo menos que podemos hacer por ustedes. Y por nosotras/os” (WAYAR, 2008, p.3).

A “arte de ser” implica sérios questionamentos à biologia⁶ que circula nos contextos escolares. Por uma parte, porque a biologia desenha caminhos binários para o corpo, aspecto que também é trasladado a outras espécies de maneira arbitrária. Pense na construção do feminino e o masculino nos fungos, por exemplo. Ou o efeito de categorizar como masculinos ou femininos os hormônios, quando na verdade são moléculas que não tem nenhuma característica que denote sua masculinidade ou feminidade. Por outra parte, porque não é suficiente desenhar esses caminhos, a biologia também reforça que esses caminhos são estáticos e tira as possibilidades da flexibilidade. Por motivos de espaço não aprofundaremos nesses aspectos, mas é importante ressaltar que atualmente dentro do mesmo campo de pesquisa da biologia, estão começando a serem construídos outros sentidos sobre o sexo biológico que se distanciam do determinismo genético, e assumem a plasticidade como possibilidade. Articulando diálogos mais explícitos com o substrato social e cultural que fundamenta esses estudos.

As travas trans sudakas chamam nossa atenção para outro aspecto: A pouca disposição que temos para escutá-las. A sociedade constrói e reforça estereótipos e imaginários, geralmente negativos sobre as travestis, a pesar de que as pessoas poucas vezes, ou nunca, se permitem conversar com uma delas. Isso ocasiona que nossa visão limitada só consiga ver a questão das transidentidades como o passo de um molde para outro (homem para mulher, ou mulher para homem) e não como “arte do ser”.

“Hay techos que nos quedan muy bajos a quienes pensamos al género como construcciones móviles, habilitadas y festejadas por nosotras/os mismos/as ante quienes proponen sólo dos alternativas posibles: hombre y mujer, y sólo la opción de amoldarnos a ellas. ¿Sería justo, entonces, cristalizar las cosas siendo conscientes del encierro que pueden producir en el futuro?” (WAYAR, 2008, p.3).

Repensando o ensino de biologia: Uma visão sentido(s) “Sul” são necessários⁷.

Os corpos e teorias⁸ aqui analisados apresentam críticas relevantes e necessárias à cultura

⁶ Entenda-se aqui a biologia não propriamente como uma disciplina, e sim como uma narrativa ocidental que tradicionalmente pretende e procura construir verdades sobre a realidade orgânica dos corpos. A biologia costuma ser apresentada dessa maneira nos contextos escolares principalmente quando se aborda a temática de corpo humano.

⁷ Esta escrita é intencional, indicando a necessidade que sugerem as autoras analisadas de questionar o lugar da visão ocidental como sentido central de conhecimento e categorização dos corpos.

⁸ Se é que dá para separar as duas coisas.

ocidental e os saberes de ocidente em relação ao domínio e normalização dos corpos. Ambos são posicionamentos *suleados* que questionam o lugar que os sentidos da biologia e do biológico têm construído para hierarquizar corpos e sustentar cientificamente a exclusão de sujeitos que existem e resistem. Ocidente também nos ensinou que esses corpos e sujeitos não produzem conhecimento, não falam. Ocidente nos ensinou a não escutar essas pessoas, e quando escutadas, a não valorizar o que elas sabem e questionam.

Acreditamos que seja possível reconstruir um ensino de biologia não fundamentado exclusivamente nos sentidos ocidentais sobre o corpo. Um ensino de biologia que não só olhe para o corpo. Práticas de ensino de biologia nas quais professores e professoras não só se preocupem por passar slides, livros e imagens dos corpos e suas partes, modelos que poucas vezes se relacionam com a realidade de nossos corpos e existências, corpos que parecem mortos.

Pensamos que é possível um ensino de biologia no qual também se escutem os corpos, práticas nas quais escutemos e sintamos relatos de sujeitos trans, viados, bixas, prostitutas, aqueles que sempre foram invisibilizados e marginalizados pelo poder colonial. Não para ver se são “homens” ou “mulheres” de acordo a uma norma biológica, mas também para entender seus processos de constituição identitárias como “arte de ser”. Arte que convida nos questionar, ~~ou~~ sentir para nos mesmos, e nos permitir reinventar também. Questionar as feminidades e masculinidades que nos foram impostas e que hoje reproduzimos.

Confiamos que esse ensino de biologia é ainda possível. Está por ser construído e pensado. Para isso, nossos sentidos não devem ser unicamente norteados, pois em ocidente dificilmente encontraremos os saberes e epistemologias que permitam mudar as normalizações culturais que excluem e que eles mesmos construíram. Sugerimos sentidos sul-sul, ~~ou~~ sentir para os referentes e epistemologias produzidas no Sul, entendendo o Sul não só no contexto geográfico global, mas também como aqueles saberes que foram silenciados e marginalizados por ocidente, mas que existem, resistem e persistem.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES pela concessão de bolsa para o desenvolvimento deste trabalho de doutorado. Agradecemos especialmente às mulheres negras cis, mulheres trans, e travestis que com seus corpos, histórias, epistemologias e conhecimentos nos contagiam de *arte de ser*.

Referências

- OYĒWÙMÍ, O. La invención de las mujeres. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: Editorial en la frontera, 2017.
- WAYAR, M. Editorial. El teje, v.1, n.1, 2007, p-2-3.
- WAYAR, M. Editorial. El teje, v.2, n.1, 2008, p-2-3.